PRODUÇÃO AGROECOLÓGICA NA CIDADE DE CANGUÇU – UMA ALTERNATIVA AO DISCURSO MODERNIZADOR

Fábio Dias Ribeiro Elste, mestrando do PPGS UFPEL, bolsista CAPES.

1. Introdução

A introdução de novas tecnologias na produção de alimentos não é algo novo, pelo contrário, faz parte de um processo que se iniciou na década de 1960 e ultrapassou diversas etapas, até chegar ao período atual, com a potencialização das técnicas de manipulação genética e a pesquisa de novos químicos agrícolas; o presente trabalho é apenas um fragmento da temática que será abordada na dissertação de mestrado, que será uma pesquisa acerca da resistência ao discurso modernizador, presente ou não, na cidade de Canguçu-RS.

A meta foi de aprimorar a quantidade de comida produzida e especialmente, garantir hegemonia de empresas que dominam esse lucrativo nicho de mercado, a partir da normalização da produção de alimentos, em que as técnicas tradicionais de agricultura foram substituídas pela adição de fertilizantes e venenos.

Algumas dessas corporações começaram especializar suas matrizes produtivas, investindo em pesquisa, criando uma espécie de “pacote tecnológico”, iniciando um pesado investimento em propaganda. Conforme explica Khattounian (2004), a Dow e a Monsanto abandonaram a lucrativa, mas decadente indústria da guerra química, tratando de iniciar um processo de dominação mercadológica eficiente, que fez com que a Monsanto, a Dow agrosciences e a Bayer Cropscience, curiosamente oriundas da indústria bélica (SUTTON, 1976), despontassem como as principais empresas do setor.

O objetivo desse trabalho é revelar os problemas que surgiram, após a Revolução Verde, considerando os graves problemas ocasionadas à saúde humana, sem jamais ter a intenção de ignorar os graves problemas sócio ambientais, como a destruição de da biodiversidade, a degradação do meio ambiente, entre outros tantos.

Por uma opção metodológica, optou-se pelo enfoque de uma das possíveis abordagens, seguindo as pistas desse “discurso modernizador”, as consequências de sua introdução precoce, e como isso tem se refletido na cidade de Canguçu-RS, com a retomada das chamadas sementes crioulas e o manejo das culturas sem a utilização de venenos ou fertilizantes químicos.

É nesse contexto de ideias que se pretende apresentar a temática, apontando à existência de um discurso construído a partir do discurso hegemônico modernizador, porém, formado por ideias antagônicas, e que se apresentam como alternativas ao modelo vigente.

2. Material e Métodos

A investigação e produção desse trabalho estão baseadas em revisão bibliográfica e pesquisas exploratórias realizadas na cidade de Canguçu, especialmente na sede da cooperativa União[1] e na VII feira Estadual de Sementes Crioulas, evento realizado no dia 03 de outubro de 2015, ocorrida no interior de Canguçu, contou com a presença de mais 20 mil pessoas, segundo dados ainda não devidamente confirmados, nos quase três dias de programação.

Percebeu-se uma imersão em um ambiente onde era notória a proposta de resgate das relações sociais e comunitárias, permitindo a observação de elementos preliminares, que indicam a existência de uma resistência, cada vez mais acentuada, por parte dos pequenos produtores rurais, no sentido de rejeitar o modelo desenvolvimentista, proposto pelo capital corporativo da indústria do agronegócio.

Havia no local escolas municipais e estaduais, cujos atores sociais envolvidos demonstravam uma vocação bastante apaixonada pela relação homem/natural, especialmente em relação ao uso de venenos na produção de alimentos e transgenia, rejeitando esses elementos de forma bastante fundamentada.

3. Resultados e discussão

Para entender o que está em jogo, quando se revela uma disputa discursiva, é necessário compreender alguns fatores científicos e econômicos subjacentes, transportando a leitura para um debate fundamentado acerca do modelo dominante e, a partir daí, garantir um avanço no sentido de compreender como houve a retomada de concepções tradicionais, e como essa retomada tem sido assimilada pelos atores envolvidos.

---

[1] União de Associações do Interior de Canguçu-RS, entidade que congrega cerca de 38 associações de pequenos agricultores, desde assentados do Movimento dos Sem Terra (desde a década de 1990), a comunidades quilombolas, no Município de Canguçu-RS, servindo como uma espécie de central de fomento e organização, que contempla desde o apoio técnico agrícola, a noções de organização financeira aos associados, na busca do fortalecimento social e econômico dos agricultores envolvidos. (dado obtido em pesquisa exploratória realizada no dia 11 de maio de 2015, com o presidente Júlio Wattchiel).

A proposta de observar a disputa acerca da transgenia, considerando a perspectiva de Beck (2013), foi aproximar a discussão da sociologia, enquanto ciência que procura desnaturalizar conceitos e ações de agentes, tentando descobrir aquilo que se encontra escondido nas relações sociais.

O risco, segundo Beck (2013), está ligado de maneira mais próxima a ideia de catástrofe ou mesmo efeitos colaterais decorrentes da industrialização da sociedade moderna, ou seja, estamos falando de relação entre causa e consequência, no produto indesejado e, de certa maneira, não previsto no processo de modernização.

Conhecer os riscos, por sua vez, é algo que permite proceder de uma maneira mais efetiva na elaboração de debates públicos, retirando do âmbito da discussão meramente ideológica ou econômica, para um nível totalmente diferente.

Segundo Giddens (1995), vivemos em um período de grandes experiências descontroladas, uma espécie de grande aventura da qual não temos a capacidade de escolher entre participar ou não, e cujos resultados estão muito distantes daquilo que foi idealizado no Iluminismo, especialmente no que tange à rejeição de tudo que fosse tradição.

Mas, para entender o significado de rejeitar um valor tradicional, é necessário que nos apropriemos de Giddens (1995), que considera tradição como uma espécie de memória coletiva, repleta de rituais, verdades formulares, possuindo guardiões e cuja coesão envolve valores morais e emocionais.

A manipulação genética de alimentos, como parte de uma nova fase da Revolução Verde, passou a representar um risco não só à saúde humana, conforme é possível observar nos estudos de De Assunção (1999) e Holt (2010), que demonstram que o 2,4-D e o 2,4-T (os dois juntos compõe o agente laranja) formam dioxinas nos seus processos de fabricação. O 2,4-D é o principal produto do Tordon, herbicida largamente utilizado na produção de milho, especialmente o transgênico, que passa por um processo de engenharia para suportar altas doses do veneno.

No ano de 2013, o Ministério do Desenvolvimento Agrário, baseado nos trabalhos de Pignati & Lima (2013) e da Dra. Karen Friedrich, da fundação Fiocruz, enviou solicitação à ANVISA, para que inicie e conclua uma reavaliação toxicológica do herbicida 2,4-D, bem como o impacto dessas reavaliações na manutenção das liberações comerciais de plantas transgênicas. O estudo do MAPA (Ministério da Agricultura, Pesca e Abastecimento), enviado à ANVISA (Pignati & Lima (2013), os

pesquisadores que referendam o pedido, incluindo Friedrich, apontam problemas de ordem endocrinológica, colocando o 2,4-D no mesmo patamar do bisfenol, reconhecidamente causadores de distúrbios dessa natureza, problemas que incluem a produção, o metabolismo e no transporte de hormônios. O relatório informa, ainda que o 2,4-D é um desregulador endócrino, pois afeta vários processos hormonais e hormônio dependentes, afetando níveis de estrogênio e podendo causar infertilidade, alterações na tireoide e nos hormônios cerebrais, afetando os níveis de dopamina e serotonina dos ratos estudados. (FERMENT, 2013).

Há, ainda, o glifosato e seus efeitos na saúde humana, que agora estão sendo revelados em diversas pesquisas, como sua relação ao aumento dos casos de doença celíaca, uma espécie de intolerância ao glúten (presente na farinha, que provém do trigo, cujas plantações são “imunizadas” pelo glifosato), conforme explica Seneff (2013).

É nesse contexto social que emerge a alternativa, ou, que classificamos como resistência, uma construção social em torno das sementes crioulas e todo o significado que está contido nelas, de onde se pretende buscar as origens do discurso e, tentar compreender como se deu esse processo de ressignificação da semente como uma construção social.

4. Conclusão

A Revolução Verde não foi um processo de proteção ecológica, como poderia sugerir o nome, mas a introdução de um sistema de produção capitalista na produção do campo, de normalização da produção, através da introdução de fertilizantes químicos, agrotóxicos e, finalmente, de organismos manipulados geneticamente, e que segue se aprimorando até o presente.

Estudar a existência de dois discursos antagônicos na produção do campo, considerando o dano em potencial que o veneno agrícola representa, e a construção de um outro discurso, antagônico ao que se apresenta como hegemônico, é uma tarefa que não pode ficar restrita apenas ao âmbito acadêmico, mas ser proposta para discussão pela sociedade.

5. Referências

BECK, ULRICH, Sociedade de Risco, rumo a outra modernidade, Editora 34,São Paulo, 2013.

BECK, ULRICH (1997). A reinvenção da política: rumo a uma teoria da modernização reflexiva. In: BECK, ULRICH.; GIDDENS, A.; Lash, S. (orgs). Modernização reflexiva. 1995, São Paulo: Editora da Unesp, cap.1, 11-68p.

DE CASTRO, Josué. Geografia da fome. Casa do Estudante do Brasil, São Paulo, 1952.

DE ASSUNÇÃO, João V.; PESQUERO, Célia R. Dioxins and furans: origins and risks. **Revista de Saúde Pública**, v. 33, n. 5, p. 523-530, 1999.

FERMENT, Gilles et al. Coexistência o caso do milho. **Proposta de revisão da Resolução Normativa**, n. 4, 2009, disponível em http://repiica.iica.int/docs/B0840P/B0840P.pdf, acessado no dia 15 de maio de 2015.

KHATOUNIAN, Carlos Armênio. A reconstrução ecológica da agricultura. Botucatu-SP: Agroecológica, 2004.

LUZZI, Nilsa. **O debate agroecológico no Brasil: uma construção a partir de diferentes atores sociais**. 2007. Tese de Doutorado. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

LONDRES, Flavia. Transgênicos no Brasil: as verdadeiras consequências, disponível em http://www.unicamp.br/fea/ortega/agenda21/candeia.htm, acessado no dia 18/06/2015.

SALLES FILHO, Apresentação: Sergio. T. W. Schultz - A Transformação da Agricultura Tradicional. **Revista Brasileira de Inovação**, [S.l.], v. 4, n. 1 jan/jun, p. 09-55, aug. 2009. ISSN 2178-2822. Disponível em: <http://ocs.ige.unicamp.br/ojs/rbi/article/view/280/196>. Acesso em: 17 Jun. 2015.

WILKINSON, John et al. A Monsanto e Os Transgênicos: reflexos para a agricultura familiar. **Relatório de**.

MOTTA, Renata Campos, in “O debate público sobre alimentos transgênicos na mídia: enquadrando os riscos, Caxambu, 211

PIGNATI, Wanderlei & LIMA Francco , NOTA TÉCNICA SOBRE OS IMPACTOS NA SAÚDE E AMBIENTE DO HERBICIDA 2,4-D. UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO. INSTITUTO DE SAÚDE COLETIVA. 24p, 2013.

SUTTON, A. C. Wall Street and the rise of Hitler. Nova York: Arlington House Publishers, 1976.

SENEFF, S.; SAMSEL, A. Glyphosate, Pathways to Modern Diseases II: Celiac Sprue and Gluten Intolerance. **Interdiscip. Toxicol**, 2013, v. 6, p. 159-84.